

MEMÓRIA SOCIAL E ESTRATÉGIAS LITERÁRIAS EM CONTOS DE MANUEL RUI

FRANCIELLE NOGUEIRA FERNANDES TEODORO*

Mestranda em Literaturas de Língua Portuguesa – PUC Minas.

Resumo

Este artigo discute as estratégias literárias que encenam as relações entre os textos e o contexto social nos contos “De um Comba”; “O rei dos papagaios” e “A grade”, da obra *I morto & os vivos* (1992), do escritor angolano Manuel Rui. Destaca-se o fato de as narrativas literárias selecionadas possibilitarem o contato do leitor com as crenças, os valores e os costumes dos angolanos e com os recursos textuais utilizados para encenar essas questões.

Palavras-chave: Manuel Rui; Memória social; Literatura angolana; Estratégia literárias.

A pergunta “o que é literatura?” causa muito embaraço ao seu destinatário. Definir o que é literatura e quais os principais elementos que a caracterizam torna-se complicado, visto que não há uma resposta pronta. Quando lemos um romance, será que sempre ficamos somente no plano da ficção? Essa é uma pergunta feita por muitos leitores que percebem não ser possível afirmar que a literatura seja 100% ficção ou que não tenha um percentual acentuado de dados da realidade em sua produção. Na discussão da construção do texto literário, a teoria literária apresenta-se não como uma “série de conceitos pré-determinados, mas como um espaço de investigação.” (SANTOS, 2001, p. 7). Da opinião de Santos, pode-se deduzir que, quando analisamos um romance, estamos tomando contato com as estratégias utilizadas para construir a narrativa no âmbito da literatura.

A literatura faz da memória uma mediadora das relações entre a escrita literária e o universo social. As obras literárias podem, nesse sentido, funcionar como agentes motivadores de uma percepção mais pontual de questões relacionadas ao contexto social. Nesse sentido, penso que analisar textos literários é instigar o pesquisador a conhecer as forças sociais e históricas que estão presentes na enunciação desses textos.

O contato com três contos de Manuel Rui permite perceber algumas estratégias discursivas que, importantes para a construção do texto literário, o extrapolam para narrar a memória social do povo angolano. Como bem acentua a investigadora Tânia Macedo “Manuel Rui trabalha suas estórias a partir da matéria do presente, acompanhando as potencialidades da língua portuguesa falada hoje nas ruas e becos de Luanda”. (MACÊDO, 2008, p. 57). Vale ressaltar que esses contos, na maioria das vezes, partem da oralidade que vista como “uma maneira de apreensão, expressão e produção de conhecimentos, mobiliza saberes bastante complexos”. (2008, p. 54).

No conto “De um comba”, tem-se um ritual e, paralelamente, um conflito acontecido em uma cerimônia de óbito. O inusitado, no conto, está no fato de o morto pensar, levantar-se do caixão e ser julgado pela justiça dos homens. Suas duas viúvas, Márcia e Dona Vaca, têm diferentes opiniões sobre as homenagens que devem ser prestadas ao morto, desconhecendo a situação que o óbito ou o comba, cria para o morto. Esse conto, de Manuel Rui, presta-se a investigações de diferentes concepções ligadas ao sagrado e de valores e de costumes que caracterizam o modo de se situar no mundo em algumas culturas africanas.

Já o conto “O rei dos papagaios”, também de Manuel Rui, assume a história de um garoto e de sua família e, através de estratégias literárias de grande efeito, explora a fala popular, a metaforização das relações entre diferentes classes sociais e os investimentos na questão identitária. Essas questões também estão propostas no conto “A grade”. Nesse conto, temos um retrato de uma família luandense que discute tanto problemas pessoais e/ou familiares quanto questões sociais da cidade de Luanda, tendo como motivação as peripécias para se conseguir comprar um engradado de cerveja em tempo de crise e, ao mesmo tempo, livrar-se dele porque a cerveja, muito desejada, não tem condição de ser bebida.

NARRADOR: O CONTADOR DE HISTÓRIAS

O conto “De um comba” é narrado em terceira pessoa e o narrador sabe tudo que se passa, tanto no mundo dos vivos quanto no mundo dos mortos. Ele conhece até o pensamento do morto:

E, no fechar, os soldados batendo com força as portas da viatura, os presentes viraram logo a cabeça num só alvo, os homens apertaram casaco, ajeitaram gravata e mulheres apouparam perucas, tocaram lencinho no rosto, tudo num que respeito parecia automático. (...) Estúpidas. – Comentava o morto. – São mesmo estúpidas. Não vêm que não posso nem devo mexer nem um dedo, muito menos os olhos! Não percebem que a morte é uma convenção e que, sem mim, neste momento, nada disto poderia existir ou fazer sentido. (RUI, 1992, p. 10-13)¹

Todas as citações dessa obra foram extraídas da mesma edição e doravante serão assinaladas, apenas, pelo número de página.

O uso do discurso direto torna mais ágil as intervenções das personagens na estória contada por um narrador que, segundo Tacca (1983), é onisciente, pois tem o conhecimento maior do que suas personagens.

gens. Ou seja, ele conhece mais a personagem do que ela mesma. Além do mais, utilizando a ironia e a sátira, ele desconstrói um lugar fixo, que é o ritual de um comba, a cerimônia funerária que tem preceitos e normas muito rígidas. Ao desconstruir a seriedade do ritual, o conto enfatiza estratégias características do texto carnavalesco. A seriedade é quebrada e a irreverência torna-se o principal elemento da desconstrução do ritual.

No início do conto, o narrador utiliza a expressão “Cá fora”: “Cá fora, as pessoas cumpriam esse ritual (p. 9), de significado ambíguo. O que pode significar essa expressão? Fora do caixão? Fora do mundo dos vivos? Assim, o conto se inicia com uma estratégia que permite que a visão do narrador sobre as pessoas que estão em um velório mostre a autoridade de um narrador que tem, como acentua Tacca (1983, p. 70), plenos poderes para “um livre trânsito entre o visível e o invisível”. (TACCA, 1983, p. 70).

Já o conto “O rei dos papagaios”, ao narrar a penúria de um garoto e de sua família, vale-se de estratégias que permitem que o narrador, também em terceira pessoa, acompanhe as aventuras e desventuras de Kalakata na luta diária contra a fome e no enfrentamento do bando de rivais, “os gregos”, que perturbam ainda mais a sua atormentada vida. De certa forma, o conto, como uma pequena fábula, demonstra que a criatividade está presente em todos os lugares, mesmo naqueles ocupados pelos deserdados da sorte. No conto, a observação dos segmentos marginalizados ajuda a compor uma história de exemplaridade sem perder a intenção de diálogo com os pobres, com os que sofrem mais intensamente os desmandos e as injustiças.

Outra estratégia explorada nos dois contos, “De um comba” e “O rei dos papagaios”, é a polifonia. O narrador, embora em terceira pessoa, não silencia a voz das personagens, marcada pelo uso do discurso direto, deixando brechas interessantes para que as vozes sociais também possam ser ouvidas. No conto “De um comba”, como já salientado, temos a voz do morto e das pessoas que se encontram no comba. E é desse desencontro que nasce a intenção irônica do discurso, marcado pela carnavalização. Já em “O rei dos papagaios”, temos a voz da menina que, repetindo a visão do senso comum, destaca características da personagem principal, Kalakata, e do contexto a que ela pertence:

Kalakata!
quem te comeu na orelha
foi uma rata!
Kalakata
cu de pato

Kalakata
come orelha com pão
que lhe comeram na orelha
boca de um cão

guada-redes de caxexe
que não vale nada
a bola passou
orelha ratada. (p. 90-91).

Essas questões também são propostas no conto “A grade”. Nesse conto, temos como motivação as estratégias para se conseguir comprar/livrar-se de um engradado de cerveja. O narrador também está em terceira pessoa e, segundo Tacca (2006), onisciente. O narrador, com astúcia, demonstra duas situações controversas: a pobreza e a fatura, insistindo em acentuar as estratégias nem sempre honestas de uma família para agradar um primo rico. A fala das personagens recorta as considerações do narrador que pontua a hilaridade da encenação.

AS PERSONAGENS: MEMÓRIA DE UM POVO

Nos três contos, as mulheres representam um forte papel dentro da família e da sociedade. No conto “De um comba”, as viúvas têm um papel primordial, visto que são elas mesmas que demonstram visões diversificadas sobre o ritual funerário. Quando o morto se levanta do caixão, Márcia, a esposa, se retira e fica de luto em sua casa: “decidi [D. Márcia] continuar a manter o telefone desligado. Mas não agüento. São noites e noites sem dormir e queira ou não queira, como nem sequer saio de casa, estou a viubar.” (p. 39). Já Dona Vaca, a amante, mantém o ritual de óbito em sua casa, porém esse comba acaba por se transformar em uma festa:

No dia seguinte, a casa estava mais cheia. E haviam aparecido mais três ministros, alguns diretores nacionais e homens fortes de empresas. Daí que, por deferência, alguém tivesse mandado instalar, ali no quintal, um barril de cerveja. Chegara tudo num ápice: barril, gás, gelo e tirador. (p. 33).

Ao narrar as diferentes visões sobre o ritual de óbito, o conto encena a diversidade no modo de pensar e de se cumprir o ritual ligado ao morto, já que o modo de tratar a situação destaca os diferentes lugares ocupados pelas viúvas na sociedade e as relações de poder que a amante mantém.

No conto “O rei dos papagaios”, a mãe de Kalakata tem o papel de cuidar do pequeno herói. Mesmo no momento em que ela bate no menino por acreditar que ele tivesse virado “grego”, ou seja, um delinquente, percebe que estava cometendo um erro: “deixa cair a mangueira para começar também a chorar com as duas mãos na cabeça”. (p. 96). Fica evidente que, mesmo nas classes menos favorecidas, o lugar da mulher como educadora é valorizado, já que ela é quem transmite os valores aos filhos. A cena final do conto, marcada pelas palavras de Kalakata à mãe: “Mamã, eu não sou grego. Sou o rei dos papagaios” (p. 96), indica tanto o respeito do nosso herói pela mãe quanto o desejo de demonstrar a ela que, como fazedor de papagaios elogiados pela família dos meninos ricos, ele se afastava das gangues de malfeitores, porque tinha a palavra da mãe para guiá-lo.

Além do mais, essas mulheres não têm apenas o papel de cuidar dos filhos e da família. Algumas delas seguem a tradição das mulheres comerciantes, marca importante de algumas culturas africanas. No conto “A grade”, é uma mulher, Celina, mais conhecida como Lina, que tem a função de comprar/vender/trocar as cervejas: “Celina contou nota por nota e nas de quinhentos hesitou porque nos mercados maiores, S. Paulo e Tourada, as quitadeiras andavam esquisitas, não aceitavam dinheiro desse folha de tabaco seco, quase a desfazer-se. ‘Mas olha...’ E recolheu as notas”. (p. 103).

Nota-se que as mulheres, nos três contos, são os alicerces das famílias luandenses, são elas que educam, negociam e gerenciam todas as ações familiares. Esse aspecto é também ressaltado por Tânia Macêdo, quando analisa a literatura luandense: “como se pode verificar, quer se chamem Noíto, Maria ou Lueji, sejam quitadeiras, prostitutas ou fortes mulheres do povo, as personagens femininas constituem uma presença das mais marcantes na literatura angolana contemporânea. (MACÊDO, 2008, p. 137).

Além das personagens femininas, há outras personagens que se destacam nos contos. O morto que no conto “De um comba” discute consigo mesmo e, conseqüentemente, com o leitor, a situação financeira e social vivida por ele. Temos uma visão de um morto sobre o que seja um comba e seu ritual. Esse morto discute acerca de sua urna e sobre o que as pessoas que estão em seu funeral conversam. Ele trata a morte como uma convenção, ou seja, a morte é admitida e praticada como um ritual e também tacitamente convencionalizada pelas relações sociais. Essa visão fica destacada no trecho que se segue:

A morte é uma convenção. – Começou o morto a pensar de si para si. – Mas por isso mesmo, não se admite que me tenham enfiado num caixão de terceira ou quarta classe. Bem, não se trata de vaidadezinha menor mas de justiça. Estão, aqui, pelo menos, uns vinte ou mais a quem tive de arranjar caixões para parentes. Nada disso. Urnas. Urnas com toda a dignidade até imerecida para alguns. Urnas de primeira para pessoas que, em vida, fizeram todo o tipo de malandrices. (p. 11).

A ironia utilizada pelo morto é uma arma social, já que o texto é todo carnavalesco e satírico, ou seja, ele desconstrói os lugares fixos e o cerimonial de um ritual de óbito. Ele é um morto que pensa e que pode se levantar do caixão e tecer considerações sobre o ritual e sobre as pessoas que o velam. O morto é literalmente responsável por suas ações ao resolver levantar-se do caixão: “Filhos da puta! É demais. Precisam de uma lição.” (p. 22). Após essa lição, levantar do caixão, o ritual de óbito continua na casa de Dona Vaca, sob o comando de Risco, personagem que chega ao comba e torna-se o “organizador” da festa/óbito. Ele ajuda Dona Vaca a organizar tudo, faz uma comissão e escolhe o cardápio durante o óbito.

Kalakata, nosso herói do conto “O rei dos papagaios”, luta dia após dia com a sua situação difícil, a fome, e é o responsável pelos outros seis irmãos mais novos. Porém, esse menino é um exemplo de dignidade, que supera toda a zombaria e, como qualquer menino, tem um sonho:

ser o rei dos papagaios. Ele faz papagaios “sem os exprimentar” (p. 93) para um menino de classe alta e tem um comportamento exemplar. E, ao final, confirma toda essa dignidade ao dizer para sua mãe que ele não era um grego, ou seja, um menino vadio. Ele era o rei dos papagaios.

ESPAÇOS NARRATIVOS: UMA CIDADE COM TRADIÇÕES E CONTRADIÇÕES

Os três contos aqui analisados fazem parte do livro **I morto & os vivos**, de Manuel Rui. Em toda a obra o óbito ou o comba está presente, quer como tema central, como em “De um comba”, quer como motivo nos demais.

Segundo Pereira (2006), as cerimônias de falecimento, em partes da África, configuram-se em ritos de passagem entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, ou seja, entre o mundo visível e o mundo invisível. Porém, “a passagem de pessoas ao outro mundo constitui-se num momento perigoso, quando as circunstâncias que cercam o falecimento podem ensejar perturbações no mundo visível, através de ações vindas do mundo invisível, ao qual o recém-falecido passa a pertencer. (PEREIRA, 2006, p. 123).

Além do mais, o óbito é “uma cerimônia marcante, na qual são construídas e reiteradas as alianças e afinidades dentro e fora do grupo de parentesco, bem como afirmada a identidade do grupo mais amplo” (PEREIRA, 2006, p. 123). Pode-se perceber que um óbito não é apenas um simples ritual, há toda uma tradição nesse rito de passagem.

Nos rituais de óbito, “surgem, em geral, inúmeros conflitos e problemas, que exigem do grupo o emprego do repertório tradicional e a experiência dos mais velhos na condução do ritual”. (PEREIRA, 2006, p. 123). No primeiro conto, “De um comba”, temos instalado um grande conflito. O morto se levanta e a partir dessa ação, o ritual ganha outros contornos, pois o morto é julgado pela justiça dos homens. Percebe-se a diferença no modo de pensar das viúvas, uma, Dona Márcia, se fecha em casa e assume atitudes marcadas pela moral fortemente religiosa; a outra, Dona Vaca, transforma o ritual de óbito em uma festa, ou seja, o comba torna-se motivo para a realização de uma festa.

Já no conto “A grade”, o comba é a solução para os fins da cerveja. Na narrativa, nota-se a situação financeira vivida na época de grande inflação. Nisso residem as estratégias nem sempre lícitas para vender ou trocar a grade de cervejas chocas por cervejas boas, a fim de que Salvador possa impressionar o primo rico, Alfredo. Porém, as personagens não conseguem acompanhar a inflação. E para se “sair bem” com o primo Alfredo, Salvador doa a grade para um comba. É com essa atitude que ele mostra sua grande generosidade, tanto para os vizinhos quanto para o primo. O óbito se torna a solução dos problemas. Vale ressaltar que, em Luanda, os vizinhos e os amigos doam comidas e bebidas para os ritos de passagem.

No conto “O rei dos papagaios”, o tema do comba aparece de forma indireta. A fome, uma espécie de morte, dá a Kalakata a oportunidade de viver a penúria como se cumprisse o ritual de sua própria salvação.

É a pobreza e a fome que permitem ao menino mostrar, com arte e criatividade, a morte do Kalakata “grego” para permitir o nascimento do rei dos papagaios. Vê-se, portanto, que, nesse conto, o tema do comba aparece com sentidos ampliados, dignificados pela capacidade inventiva do pequeno herói.

CONCLUSÃO

Pode-se notar que as estratégias discursivas utilizadas nos três contos intentam retratar o cotidiano dos espaços de exclusão em Luanda. As personagens dos contos em estudo, como já acentuado, são retiradas do próprio povo, havendo uma aproximação entre o mundo encenado e o mundo vivido. Manuel Rui trabalha, no plano da ficção, as tradições do povo luandense. O escritor, ao compor suas narrativas em diferentes feições do espaço urbano de Luanda, reverencia crenças, valores e costumes que permanecem entre o povo, ainda que transmutados por estratégias de sobrevivência.

Vale a pena ressaltar que, embora escritos no pós-independência de Angola, os contos apropriam-se de feições da literatura escrita a partir dos anos 50 do século XX, e reforçam o esforço de fazer com que a literatura continue a dialogar com questões sociais, por isso, a ligação com a realidade extratextual mostra-se visível, bem como o tom que recupera as histórias orais contadas pelos mais velhos. Pode-se dizer que, nos contos, a literatura convida o leitor a percorrer os becos dos *musseques* luandenses.

ABSTRACT

This article aims to analyze the literary strategies that perform relations between the texts and the social context in three short stories, “De um Comba”; “O rei dos papagaios” and “A grade”, from the book *I morto & os vivos* (1992), by the Angolan writer Manuel Rui. Noteworthy is the fact the selected literary narratives allows the reader’s contact with beliefs, values and customs of Angola and with the textual resources used to perform these issues.

Keywords: Manuel Rui; Social memory; Angolan literature; Literary strategies.

REFERÊNCIAS

MACÊDO, Tânia. **Luanda, cidade e literatura**. Luanda/São Paulo: Nzila/Unesp, 2008.

- RUI, Manuel. **I morto & os vivos**. Luanda: Contemporâneos, 1992.
- PEREIRA, Luena Nascimento Nunes. Ritual e conflito num Óbito em Luanda. In: PANTOJA, Selma. **Identities, memórias e histórias, em terras africanas**. Brasília/Luanda: LGE Editora, 2006. p. 119-135.
- SANTOS, Luis Alberto Brandão. **Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução à teoria da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SOUZA, Roberto Acízelo de. **Teoria da literatura**. São Paulo: Ática, 1986.
- TACCA, Oscar. O narrador. In: **As vozes do romance**. Tradução de Margarida Coutinho Gouveia. Lisboa: Almedina, 1983. p. 61-103.